

# O impacto da crise sobre as IES particulares

*Elisa Wolyneć*

[ewolyneć@techne.com.br](mailto:ewolyneć@techne.com.br)

O setor privado de Educação Superior passa por uma forte consolidação, concorrência cada vez mais acirrada e depara-se agora com a necessidade de equacionar, não só como competir e evoluir nesse cenário, mas também como enfrentar as possíveis consequências da crise econômica global.

O efeito da crise global sobre a economia brasileira é muito menor do que o que está ocorrendo com os países desenvolvidos, entretanto, os especialistas dizem que não estamos livres da recessão e que os impactos serão sentidos a médio prazo. Entre os mantenedores de IES, as ações que estão sendo adotadas dependem da situação da sua instituição no mercado e dos planos anteriores à crise.

As instituições, cujo planejamento estratégico baseia-se em crescimento rápido através da aquisição de instituições menores, estão suspendendo momentaneamente as aquisições e cortando investimentos para aumentar seu capital disponível. Aguardam que os efeitos da crise possam baixar o preço das aquisições para voltar às compras. No fundo, contam com a crise para facilitar seus planos de crescimento. Entretanto, aquelas que dependem de capital de investidores para as aquisições terão menor acesso a capital enquanto a economia global não entrar em recuperação. No final poderá haver quase um cancelamento de efeitos: os preços mais baixos serão contrabalanceados por menor capital disponível.

Outras instituições, sólidas, de prestígio, que planejam crescer atraindo mais alunos com uma oferta diferenciada, estão também cortando gastos, contingenciando o orçamento, aguardando o final de março para verificar se a matrícula atingiu os níveis planejados. Como em muitos casos quem paga o curso é o próprio aluno, temem que os alunos possam querer economizar para eventuais problemas futuros e adiem seus planos de estudo. Não há previsões sobre este tipo de comportamento pois, associada à real crise financeira, há uma crise de confiança. A vantagem é que, segundo as pesquisas, a população brasileira está

bastante otimista em relação ao futuro diante da crise. Diante das incertezas, a maioria das IES decidiu adotar a cautela.

O aumento do desemprego é o principal fator que poderá afetar a demanda por educação superior. Por outro lado, todos sabem que quanto mais bem preparado o profissional, maior sua empregabilidade. É nessa hora que um bom sistema de crédito educativo faria uma grande diferença para o setor educacional.

É claro que há instituições que já vinham enfrentando sérias dificuldades e que chegaram agora a um ponto crítico, conforme foi noticiado nos jornais recentemente sobre duas universidades particulares cujos professores estão em greve por atraso no pagamento de salários. São casos isolados de problemas de gestão que se arrastam de longa data e não refletem o efeito da crise global.

Como em toda a crise, há sempre os empreendedores que acreditam que a crise é uma ótima oportunidade para vencer os concorrentes. Assim, se por um lado a maioria das IES contingenciou o orçamento, outras decidiram que é o melhor momento para investir em instrumentos de melhoria da gestão, preparando controles mais eficazes e oferecendo melhores serviços aos alunos. Há também instituições apostando no uso de novas tecnologias para o ambiente de ensino aprendizagem para atrair mais alunos.

As duas estratégias, investir em mecanismos de gestão que permitem reduzir custos e adotar novas tecnologias que beneficiam a aprendizagem e diminuem custos, são certamente vencedoras.

O cenário do setor de Educação Superior, que já se encontrava em mudança como consequência da consolidação, poderá, dentro de algum tempo, apresentar algumas instituições emergentes, que se valeram das incertezas de mercado para inovar e crescer.